

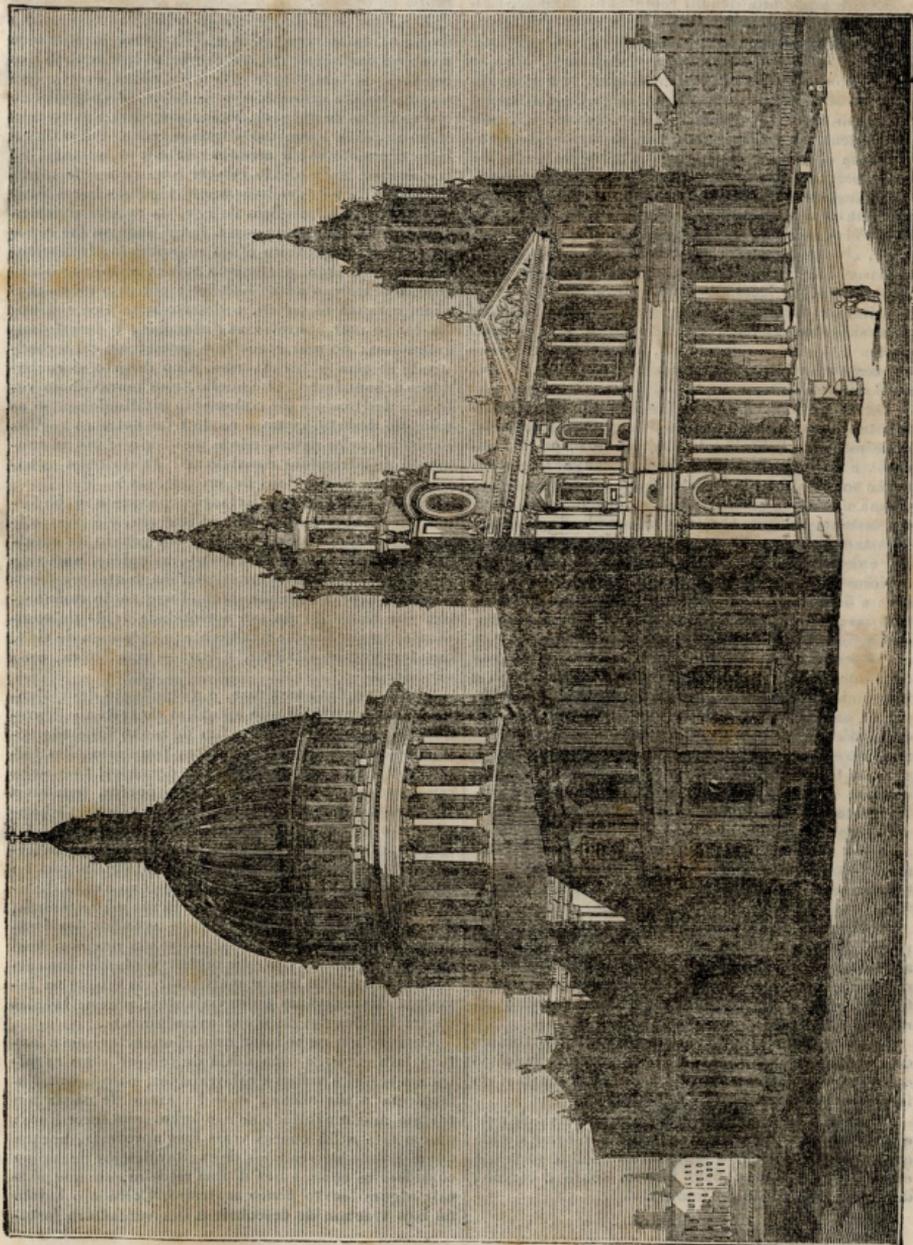
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utéis.

25) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (OUTUBRO 24, 1837)



CATHEDRAL DE S. PAULO — LADO OCCIDENTAL.

TEMPLO DE S. PAULO DE LONDRES.

FARIAMOS um livro se quizessemos minudamente descrever a sumptuosa cathedral da capital da Grã-Bretanha, mas além de que a nossa estampa sufficientemente inculca a magnificência de tão magestoso edificio, bastarão para o geral dos leitores as abbreviadas noticias que passámos a dar.

Este templo data de muy remota antiguidade, e alguns fazem a sua primitiva fabrica obra dos romanos: melhorado consideravelmente com o progresso dos tempos passou por diversas vicissitudes, até que o espantoso fogo de 1666 o consumiu, e a mais oitenta e oito igrejas de Londres. Logo depois tractaram com todo o empenho de o restaurar; e depois da difficullosa e dispendiosa tarefa de remover o entulho da obra antiga, se lançou a primeira pedra do edificio actual aos 21 de Junho de 1675, ficando inteiramente concluido em 1710. É notavel que o architecto e superintendente geral da obra, Christovão Wren, o bispo de Londres, que então era Compton, e o mestre viram começar e acabar tão dispendiosa e vasta fabrica, cousa rara em construcções desta natureza. A igreja de S. Pedro de Roma, que é a primeira da christandade, e com quem S. Paulo tem sido comparada, é edificio muito maior, mas gastou 135 annos a construir, durante os governos de dezoenove pontífices, e sob a direcção successiva de doze architectos.

O templo de S. Paulo de Londres não só exteriormente é sumptuoso. O choro é uma peça tão grandiosa, onde estão, do lado do sul a cadeira do bispo de Londres, e do lado do norte a do lord mayor: tem um orgão soberbo ornado ricamente. A estante é a figura d'uma aguia, de bronze dourado, que nas azas abertas sustenta o livro. O altar é adornado de columnas enfustadas azues com veios d'ouro como o *tapis lazuli*, e de capitels dourados. Porém os objectos mais curiosos para o estrangeiro, no interior deste edificio, são: a *livraria*, que encerra muitas preciosidades litterarias, e tem o pavimento primorosamente assalhado, sem prego, nem cavilha: a *escada geometrica* de noventa degraus sustentados no ultimo degrau do fundo: o *sino grande*, que pesa 11:474 libras, e tem mais de quinze palmos de diametro: e a *whispering gallery*, ou galeria dos segredos, que tem um echo d'especie singular, de fórma que transmite o mais leve som, com força e clareza; de uma pessoa para outra collocada no lado opposto da galeria, sendo a distancia, dizem, nada menos de 140 pés. Na parte interna do zimbório ha oito bellas pinturas, representando passagens da vida de S. Paulo, as quaes são de James Thornhill. Estatuas e columnas adornam o templo, que em todas as suas partes e accessorios é igualmente respeitavel, e magnifico.

Antigamente recamavam suas paredes, como trophes das armas britannicas, as bandeiras tomadas aos inimigos, mas ultimamente foram removidas para logares mais adequados; as naves para o hospital da marinha em Greenwich, e as do exercito para o de Chelsea.

Neste mesmo templo está entre outros o tumulo do seu famoso architecto, Wren, com um modesto epitaphio: nelle tambem jazem os restos mortaes do famigerado almirante, Hracio Nelson.

O custo desta cathedral avalia-se em mais de sete e meio milhões de cruzados; somma enorme obtida em parte por donativos voluntarios e subscripções, e em parte por um modico tributo sobre o carvão, durante a edificação do templo.

O ROUBO ENTRE OS ARABES BEDUINOS.

ENCONTRAM-SE nos desertos da Arabia e do norte da Africa tribus nomades ou vagabundas, que onde acham uma pouca de agua e alguns pastos para os seus gados costumam abarracar-se: são estas tribus as dos arabes beduinos, cujo nome não designa um povo, nem uma raça, mas sómente quer dizer *habitantes do deserto*.

É a superficie do deserto movediça e fogaz qual a do mar: umas vezes rasga-se, divide-se, e espalha-se ao sopro carinhoso da suave brisa; outras vezes aos repelões da tempestade fórma ondeadas serras, que no mesmo dia crescem e se desfazem. As pedregadas de mil camellos se apagam, assim que passa a caravana, como se desvanecem os escumosos redemoinhos da esteira d'um navio, á medida que elle se adianta. Se por acaso a areia deixa crescer uma pouca de relva, repousa allí a tribu livremente algumas horas para aproveitar este beneficio do ceu, da mesma maneira que o pescador detem o seu batel onde se lhe antoja, para tirar proveito d'um mar piscoso. O deserto, bem como o mar, pertence a todos; o mar faz o marujo, o deserto o arabe beduino; porém o mar aproxima e reúne os povos, o deserto separa-os e dissocia-os; o mar abbrevia as distancias, o deserto augmenta-as; no mar concorrem, socorrem-se, e coadjuvam-se cem povos diversos, e no deserto só roubadores acham lucro. O camello, esse maravilhoso vehiculo destinado a ser o elemento civilizador entre as raias do deserto, a ser o navio o foi entre as regiões banhadas pelas aguas, não é mais do que um instrumento de latrocínios e malefícios! Tanto tem os homens abusado dos dons da providencia!

Quem diz beduino, diz ladrão, porque o roubo fórma parte integrante da sua existencia, e é para elle um officio que tem seus proes, um genero de cavallaria andante fecundo em aventuras epicas, uma arte rica de poesia, uma alternativa d'incidentes prosperos e adversos, uma precisão da sua imaginação romanesca, um alimento da sua curiosidade ávida de commoções inopinadas, e finalmente um regimen de vida, que tem regras strictas, e leis, — uma honra, uma virtude.

O ataque das caravanas, e a espoliação dos viajantes não são mais do que episodios do sistema depredatorio dos beduinos. Se o fim do roubo fosse sómente o modo de satisfazer a cubiga, poderiam elles talvez limitar-se a commette-lo, nas occasiões, taes como estas, em que o lucro fosse certo; porém, tendo-o a transmissão hereditaria do sangue, o clima, a educação, e o habito, tornou paixão predominante, foi forçoso que se generalisasse ao ultimo ponto, formando de alguma sorte um ramo de commercio ou escambo. Daquí vem o proverbio — que a mão direita d'um beduino procura roubar a sua mão esquerda, e a esquerda a direita. Roubam-se as tribus desafiada e despiadadamente, desenvolvendo nos muy bem concertados planos das suas mutuas contendas uma astucia e actividade muito mais temiveis do que na investida das caravanas e dos viajantes; porque ladrões contra ladrões devem obrar avisadamente.

Quando algum beduino quer commetter uma aventura leva consigo uma duzia de amigos todos envolvidos em vestidos velhos e esfarrapados, para assim disfarçarem a sua classe, e se livrarem de pagar um resgate muito avultado se não forem bem succedidos; porém este ardil poucas vezes lhes aproveita, porque quem possui bens capazes de excitar desejos de rapina considera-os como a isca d'uma ratoeira, em que pôde cair algum ladrão pouco matreiro. Colhido o ladrão no laço tractam de descobrir a sua verdadeira fortu-

na, e não osoltam sem lhe tirarem, regateando com elle, um proporcionado resgate.

Siem pois a campo os nossos doce de farinha, munição cada um delles d'uma pouca de farinha, de sal, e de um odresinho cheio de agua. Com tão escassas provisões apartam-se algumas vezes a distancia d'oito dias de marcha do seu arraial. Chegam de noite perto do sitio em que se estabelecerá a tribu de cujas riquezas intentam apoderar-se, e fazem encaminhar para as barracas tres dos mais desembaraçados, que não devem lá achar-se antes da meia noite. Tudo dorme, e vai portanto correr-se o panno á scena. Dá um dos tres actores faz o seu papel, de que d'ahi em diante toma o nome. Um delles, o *mostambel*, introduzindo-se por detraz d'alguma barraca, trabalha por chamar a attenção dos cães de vigia, os quaes em breve lhe cáem á perna: deita a correr, e indo-lhe os cães no alcance, consegue desvia-los largo espaço do acampamento. Aparece então o segundo actor, que é o *kharami*, o qual corta as peias dos cavallos, e os faz levantar: um camello sem carga pôde erguer-se e caminhar sem fazer o mais leve rumor. O *kharami* conduz para fóra do arraial um destes animaes, que os outros seguem espontaneamente. Em quanto dura a operação, o outro aventureiro, a que chamam o *kyde*, conserva-se á porta da barraca com uma cacheira alçada para descarregar-la sobre a cabeça do primeiro que saísse, e consumado o roubo vai reunir-se ao seu camarada. A certa distancia agarra cada um delles pela cauda um dos mais vigorosos camellos, e puxa-a com quanta força tem. Isto obriga a besta a partir de galope, levando apoz si o arabe: os outros seguem na mesma andadura, e chegam ao lugar onde o resto do bando os espera. Dão-se então pressa em socorrer o *mostambel*, e retiram-se para o campo da partida a marchas forçadas de dia e de noite, deixando logradouro o dono dos camellos, que algumas vezes quando acorda acha-se com menos cincoenta camellos, sem que o seu repouso fosse perturbado, nem um sinistro sonho o inquietasse, graças ás precauções tomadas para não incommoda-lo.

Se por acaso fosse pilhado algum dos da quadrilha, dar-lhe-iam um tractamento muito singular, cujo uso é uma prova, além de mil outras, da existencia desta lei convencional, que impera sobre todas as nações, e as protege contra si mesmas, e contra a destruição geral que deveriam muitas vezes trazer consigo os seus habitos anti-sociaes. Segundo um dos costumes invariaveis do deserto se o homem que está em perigo em poder d'um arabe alcançar tocar em outra pessoa, ou até mesmo em algum objecto inanimado que traga nas mãos, ou se tem artes para se pôr indirectamente em contacto com ella, atirando-lhe com uma pedra, ou lançando lhe um escarar, e bradando ao mesmo tempo: *Sou teu prolegado!* ei-lo dahi em diante emseguro; porque a pessoa em que tocára tem por obrigação outorgar-lhe a protecção pedida.

Já se vê que o preso é conservado em tanto mais aperto quanto maior é o interesse que ha em privá-lo do beneficio desta lei conservadora. Declara-se entre os dois uma continua guerra d'astucia contra astucia. O arabe da barraca afadiga-se todas as manhãs para obter do ladrão uma renuncia ao direito de protecção; se não valem branduras, recorre á pancada; porém como esta renuncia já não é válida passado o dia em que foi feita, é mister renovar cada dia a mesma formalidade, que se torna a repetir todas as vezes que os habitantes da barraca recebem a visita d'algum estranho.

Como o arabe deve guardar o seu prisioneiro na barraca em que habita, é obrigado a tomar precauções extraordinarias para evitar o direito de protec-

ção, e por isso abre uma cova de cinco palmos de profundidade, e nella deposita o ladrão com as mãos atadas, os pés presos ao chão, e os cabellos separados para a direita e para a esquerda, e amarrados a estacas: uns páus grossos atravessados na boca da cova, e carregados de pesados fardos, não deixam ver senão uma pequena parte do rosto do pobre diabo engeiolado, a quem para cumulo de tormentos não dão mais do que o alimento estritamente necessario para não morrer á fome.

Apesar disto, tem-se visto beduinos perseverarem por espaço de seis mezes em não quererem revelar o seu nome, sobre tudo se pertencem a famílias opulentas. Raras vezes acontece que antes deste termo não perca a paciencia o carcereiro, pois elle mesmo se dá a perros por causa da vigilancia que deve ter na sua barraca. Se, por exemplo, algum dos seus filhos mais pequeninos se chegasse ao preso e lhe desse um pedaço do seu pão, deveria o ladrão obter immediatamente a liberdade. Nem pára aqui a cautela, porque é preciso livrar dos escarros, que o captivo, não obstante ter presa a cabeça pelos laços dos proprios cabellos, pôde lançar mui longe, por entre os buracos da sua gaiola, pelo muito que nisso se tem exercitado. A estes inconvenientes accresce que os rigores do prisioneiro não tardam em fazer perigar a vida de quem os soffre, e segundo as crenças do deserto, o sangue do homem que assim succumbe recáe sobre a cabeça do carcereiro. Ah, esta crença não existe senão no deserto!

Durante o captivo fazem os amigos do preso todos os esforços para liberta-lo, pondo em prática para esse effeito força, astucia, manhas, súplicas, e ameaças. Nestas tentativas manifestam os arabes inaudita riqueza d'invenções subitís, e engenhosas. Um dos mais communs estratagemas é este: a mãe ou a irmã do prisioneiro finge chegar casualmente á tribu, como quem se transviára, e implora a hospitalidade, que é quasi a unica virtude conhecida daquelles povos. Depois de haver descubierto a barraca em que seu filho ou irmão jaz encerrado, entra nella com algum pretexto; ou de noite, levando um novello de fio: a ponta do fio fica na boca do preso, e a mulher ao sair vai desenrolando o novello até chegar a alguma barraca vizinha: bate, e saindo o dono, applica-lhe a mulher a outra ponta sobre o peito para o pôr em contacto com o preso, e exclama: *Aquelle está de baixo da tua refeição.* Parte logo o arabe o cumprir o seu dever, e vai procurar o seu vizinho, que livrando elle proprio dos ferros o seu prisioneiro, o tira da cova, e depois de lhe dar uma boa refeição, lhe restitue a liberdade.

MERGULHADORES EXTRAORDINARIOS.

REFERE o doutor *Joel Langelot* ter visto em Tronningholm, lugar onde a rainha de Suecia tinha um palacio magnifico, um jardineiro de sessenta e cinco annos de idade, que dezoito annos antes, tendo-se arriscado imprudentemente a ir pelo gelo succorrer um homem que estava para morrer afogado; caiu n'um pedaço de quatro braças de profundidade, onde esteve dezesseis horas com o corpo direito, em quanto não puderam descobri-lo. Accrescenta o auctor, que havendo interrogado aquelle homem, elle lhe dissera, que o frio lhe intericára todos os membros, e que depois ficára como morto, até que lhe deram na cabeça fortes pancadas com um croque, com que o procuravam, que logo que o tiraram d'agua lhe asseguraram que da boca lhe saíra uma grande bolha de ar, a qual, segundo lhe disseram, obstára a que morresse suffoca-

do, e finalmente que as suas orelhas estavam cheias d'agua.

Pelo fim do penultimo seculo escrevia *Tirassius*, guarda da bibliotheca de Stockholm, um facto ainda mais pasmoso. Uma mulher da provincia de Dalia, na Suecia, dizia elle, chamada *Margarida Larsdalter*, cafu tres vezes n'agua. Da primeira vez, sendo ainda muito moça, esteve tres dias de mergulho, nas outras duas soccorreram-na com mais promptidão, e ella morreu em 1672, com setenta e cinco annos de idade.

Barnead, quando voltou da sua viagem da Goetna occidental para Stockholm, narra um facto muito mais incrível. Dizia que havendo por acaso assistido a um discurso funebre, cujo assumpto era a morte d'um velho septuagenario, ouvíra asseverar ao cura, chamado *Lowrence Jona*, da aldeã de Boness, que este homem quando tinha dezeseite annos, caíra n'agua, d'onde só o tiraram ao cabo de duas semanas, e que apesar disto tinham conseguido reanimá-lo.

Estes factos bem comprovados tornam menos incríveis outros referidos por diversos auctores. Lêmos, por exemplo, em *Herodoto* que um certo *Scyllias* vencia com facilidade o espaço de duas legoas por baixo do mar, sem vir uma só vez ao de cima d'agua para respirar. *Didion*, cognominado o *Ruivo*, tinha a mesma faculdade, e perseguia os peixes nadando por baixo d'agua; porém não obstante isso afogou-se no rio *Mora*, e o cirurgião que o abriu nos dá sem contradicção a solução deste problema, dizendo no seu relatorio, que descobri-la na separação das duas aurículas, *uma abertura transversal fechada por meio de uma valvula de pouca resistencia*.

Por mais pasmosa que seja a historia do famoso mergulhador siciliano chamado *Pesce Cola* [Nicolaou o peixe] avanta-se-lhe no maravilhoso a de outro buzio hespanhol, por nome *Francisco de la Vega*, de *Lierganes*, aldeã do arcebispo de Burgos. Seus pais o mandaram para *Bilbau* a fim de aprender o officio de carpinteiro. Contava então quinze annos, e conservou-se naquella cidade dois annos até a vespera de S. João de 1674. Tendo ido uma occasião banhar-se em companhia de outros rapazes, estes o viram dar um mergulho, depois de ter deixado a roupa na praia junta com a delles. Como não duvidassem que voltaria em breve esperaram por elle algum tempo, até que persuadidos de que se afogára, perderam as esperanças de tornar a vê-lo, e informaram do acontecido o mestre com quem aprendia, que mandou a infesta nova aos paes de *Francisco*. No anno de 1679 viram alguns pescadores do mar de *Cadix* dois dias consecutivos um vulto de homem, que nadava, e mergulhava, e publicaram esta descoberta, a qual excitou de tal maneira a attenção do publico, que formaram o designio de se apoderarem daquelle objecto, como com effeito se apoderaram, usando de manhas para colhe-lo em redes. Era o mesmíssimo rapaz que desaparecera em 1674, porém estúpido, e incapaz de responder ás perguntas que lhe dirigiam. Pronunciava, com tudo, a palavra *Lierganes*, que trazendo á memoria a historia de *Francisco de la Vega*, o deu a conhecer. Nada diremos a respeito dos estranhos boatos a que deu lugar esta estupenda aventura nos logares em que succedeu, nem ácerca das extravagantes idéas que suscitou; diremos sómente que um frade de S. *Francisco*, chamado *João Rosendo*, se encarregou de o reconduzir para casa de seus pais, o que executou no anno seguinte, e tendo ordenado ao rapaz, quando chegou a um quarto de legoa distante de *Lierganes*, que fosse adiante, e lhe ensinasse o caminho da casa, obedeceu o moço, e encaminhou-se em direitura á casa de sua mãe, a qual logo o reconheceu, assim como dois irmãos que com ella estavam; mas o rapaz

não deu demonstrações de amizade a sua mãe e irmãos, nem indicio algum de lhe causar admiração o que via. Morou nove annos em casa de sua mãe, sempre alienado de juizo, fallando muito pouco, e o mais que dizia eram as palavras *tabaco, pão, vinho*, e sem sequer as pronunciar seguidas e a proposito. Fazia recados, quando não consistiam senão em levar embrulhos d'um logar para outro, e dava boa conta de si; mas no fim de nove annos tornou a desaparecer, e nunca mais houve delle noticias.

Estes factos nos provam invencivelmente, que se ordinariamente não é dado ao homem viver muito tempo debaixo d'agua, e se aquelles que cáem dentro della perecem quando não são soccorridos a tempo, ha todavia disposições particulares que conferem ao homem a faculdade de viver neste elemento. Talvez que não fosse tão raro como se julga o achar quem possuísse a mesma vantagem, se os homens que caíssem no fundo d'agua não perdessem o tino, e contivessem a respiração para que a agua, que em taes casos passa vezoamente pelos bronchios, o não suffocasse. É muito provavel, diz judiciosamente o sabio *Buffon*, que este privilegio fosse extensivo a todos os homens, se houvesse a precaução de os mergulhar n'agua e no ar alternativamente, por um certo tempo, apenas nascessem. Esta opinião do illustre naturalista funda-se em varias observações anatomicas, que omitiremos, das quaes parece poder-se concluir, que os phenomenos acima descriptos foram sómente devidos a ter cessado a respiração dos individuos que mencionamos, durante todo o tempo que estiveram submergidos.

O CARDEAL *Fesch*, tio de *Napoléão*, vivia muito retirado de *París*, no seu palacio da rua de *Mont-Blanc*: frequentava e conhecia poucas pessoas, e sómente tres ou quatro vezes cada anno, julgava dever dar jantares ceremoniaticos. Quando queria fazer convites, abria o almanak imperial, e quasi ao acaso escolhia os seus convidados entre os membros do senado, do corpo legislativo, do conselho d'estado, da magistratura, e do alto clero.

Tinham sido convidadas quarenta pessoas para um destes jantares, e trinta e nove já estavam reunidas nos salões do cardenal. Eram sete horas e meia, e ainda não iam para a mesa; o cardenal dava signaes de impaciencia, e as barrigas dos convidados começavam a dar horas.

—Vossa eminencia ainda espera por alguém? se abalanço a perguntar-lhe um dos convidados.

—Sim, espero um respeitavel senador.

Passa mais meia hora, e o mesmo convidado torna a dirigir-se ao cardenal.

—Eminentíssimo senhor, estará acaso doente o respeitavel senador?

—Oh! não; se o estivesse mandava-m'o participar.—Passa outra meia hora.

—Porém, senhor, quem é esse respeitavel senador?

—O conde de *Laville-Leroux*.

—Que por signal morreu ha um anno.

—Isso agora é outro caso; estão vamos para a mesa.

OS BANQUETES DOS ANTIGOS

No 12.^o e 13.^o seculo pedia a etiqueta que nos banquetes se assentassem alternadamente á mesa os convidados de ambos os sexos, e que cada par comesse no mesmo prato. Nas refeições das familias bebiam todos por uma unica taça, e o pai de S. *Berland* o desherdou, porque antes de beber limpára a taça, com o pretexto de que elle tinha lepra.

O uso das saudes estava ligado com a religião dos romanos, e em certa epocha foi geral na Europa. Não ha mais de cincoenta a sessenta annos que na Allemanha bebiam não sómente á saude de todas as pessoas presentes, mas tambem á dos tios, tias, e primos, e até á de parentes já fallecidos, de sorte que um estranho, convidado para jantar, se via na rigorosa necessidade de indagar toda a parentella de quem o convidára. A obra de Pasquier refere uma anecdota interessante relativa á infeliz Maria Stuart, que pereceu no patibulo. Na noite que precedeu a execução, bebeu, depois da ceia, á saude de todos os seus servos, rogando-lhes que lhe fizessem a razão. Obedeceram-lhe todos, e ao beberem á saude da desgraçada rainha, as lagrimas lhes caiam nos copos, tão profunda era a sua magoa.

As nações antigas pareceu necessario variar os banquetes com espectaculos, e representações de diferentes generos. Os gregos e os romanos recreavam os seus hospedes com pantomimas, e algumas vezes com os sanguinolentos combates dos gladiadores e luctadores; e os principes christãos dos primeiros seculos do christianismo tinham paixão pelas danças pantomimicas durante os banquetes, nos intervallos dos quaes cantavam os menestres e os trovadores os seus versos ao som das harpas. Nos refeitórios dos frades, e ás mesas dos piedosos prelados, a leitura de livros devotos, ou a musica acompanhavam as refeições, e o primeiro organ que na França appareceu foi construído para a mesa de Carlos Magno.

Certas especies de espectaculos, a que chamavam entremezes, eram os mais nobres divertimentos dados pelos grandes aos seus hospedes: consistiam aquelles espectaculos em justas de cavalleiros, em habilidades de automatos, e em representações theatraes ou mimicas de successos importantes. Em uma festa dada por elrei Carlos VI ás damas da cõrte, dois cavalleiros, que eram Reinaldo de Boye, e micer Boucicaut, correram a cavallo á roda da mesa, e romperam uma lança, durante o banquete: succederam-lhes outros no mesmo genero de combates. Em outro jantar dado por Carlos V, em 1378, representaram a partida de Gofredo de Bulhões para a Terra Sancta, e a tomada de Jerusalem, e n'uma festa com que Carlos VI solemnizou a chegada de Isabel de Baviera fez-se uma imitação do assedio de Troia, representada por uma enorme fortaleza, defendida por cinco torres, sendo quatro nos angulos, e a quinta no centro. As cotas d'armas e os escudos pendentes dos muros mostravam ser a fortaleza a cidade de Troia, e a torre central a cidadella de Iliou. A pequena distancia se divisava um vasto acampamento, que pelas armas se conhecia ser o dos gregos, e por detraz deste arraial estava um navio capaz de conter pelo menos cem guerreiros. Tanto a fortaleza, como a barraca e o navio, moviam-se por meio de rodas cujas molas estavam escondidas, bem como as pessoas que as punham em movimento. Travou-se renhida batalha entre os heroes gregos do arraial e do navio, e os troianos encerrados na fortaleza; mas pouco durou, porque a multidão dos espectadores era tamanha, e o calor tão forte, que muitas pessoas ficaram machucadas ou suffocadas.

Na cõrte de Borgonha eram summamente presados os espectaculos d'automatos e de animaes. Na festa do casamento de Carlos o Atrevido com a princeza Margarida d'Inglaterra, representaram-se tres entremezes. Entrou primeiramente um grande unicornio trazendo ás costas um leopardo, que trazia em uma das pastas as armas d'Inglaterra, e na outra uma bonina (em francez *marguerite*), allusiva ao nome da princeza.

Nos tempos antigos era costume, para fortalecer o

estomago, beber vinho, e comer ovos antes de principiar a jantar ou a ceiar. O jantar de Carlos Magno consistia, nos dias ordinarios, em quatro entradas, e n'um prato de caça assada.

As mesas em que antigamente comiam eram de pau, bem polidas, mas sem especie alguma de toalha: depois cobriram-nas com um couro, que foi substituído pelas toalhas de linho ou d'algodão. Os primeiros pratos não foram mais do que cedeas de pão de figura circular, porém depois os fabricaram de pau, de louça, e de todas as especies de metaes.

Até o tempo de Carlos V fez a gente da classe media mui pouco uso dos guardanapos: os primeiros vieram de Rheims, e esta cidade fez presente a elrei d'um guardanapo avaliado n'uma grossa somma de dinheiro. Quando algum cavalleiro, por seu procedimento, incorria no desagrado, cortavam-lhe o guardanapo, com grande ceremonial diante do logar que occupava, e voltavam-lhe o prato com o fundo para cima, e o cavalleiro era em tal caso compellido a lavar a mancha da sua honra, ou a mostrar em como o injuriavam. Por este dissabor passou o conde de Ostrevan á mesa de Carlos VI; um arauto cortou o guardanapo em dois pedaços, na presença do cavalleiro, dizendo que um principe que não meneava as armas era indigno de jantar á mesa d'elrei. Guilherme respondeu como assombrado: Eu mencio a lança e o escudo tão bem como qualquer outro cavalleiro.— Isso não pode ser, replicou o arauto, aliás terieis vingado a morte do vosso segundo tio. A historia accrescenta que esta lição publica produziu no conde o effeito desejado.



O FLAMINGO.

(*Phenicopterus.*)

No IDIOMA desse povo espirituoso e sensível, os gregos, quasi todas as palavras pintavam o objecto, ou caracterisavam a cousa, e apresentavam a imagem, ou descripção abbreviada de qualquer ente ideal, ou real. O nome de *Phenicoptero* [ave d'azas chammejantes] é um exemplo destas expressivas analogias, em que consistia a graça, e energia da linguagem dessa nação engenhosa, analogias, que raras vezes apparecem nas linguas modernas, e que se perdem, ou

se desfiguram na traducção. Os primeiros naturalistas francezes tambem denominaram a esta ave *flambant*, ou *flamant*, de flamme [chamma de fogo]; e muito erroneamente suppozera alguns que este nome se originára do paiz de Flandres [onde talvez nunca se viu], pensando que assim como varios generos allí fabricados se intitulam *flamengos*, outro tanto succederia com estes passaros. Gesner, e alguns ainda produziram mais ridiculas causas. É certissimo que a palavra, como a do grego antigo, é icástica, pinta o objecto. E com effeito vendo se a especie mais vulgar destas aves voar contraria ao sol, o vivo encarnado de suas pennas chammeja como lume, e dá um bonito espectáculo. Ouvimos dizer que na provincia do Maranhão lhes davam o nome de guarás.

Habitam os climas temperados, e quentes; e são frequentes em as nossas ilhas de Cabo-Verde, donde já foram mandados a este reino com pelicanos, e outros passaros, e consta-nos que estiveram na real quinta de Belém. Na Europa, apparecem na ilha de Sardenha, e de arribação nas costas meridionaes de França. O distincto M. Bory de S.^t Vincent, quando no tempo da guerra peninsular esteve em Sevilha, observou bastantes na proximidade desta cidade, e até os tiveram domesticos no paço, que occupava o general francez.

Os antigos os conheceram bem, e os estimavam muito em seus banquetes, principalmente as linguas, que são extremamente gordas. Apicio, de cuja voracidade diz Plinio ser capaz de engolir as gerações vindouras, dá no livro sexto a maneira de os guizar; e foi elle o primeiro, que descobriu na lingua do phenicoptero o sabor, que lhe deu voga, como exquisito manjar. Alguns viajantes ainda fallam da excellencia deste prato, ou por experiencia propria, ou por preoccupação para com a antiguidade. Lampridio, entre os excessos da profusa mesa de Heliogabalo, numera esta iguaria. Marcial em um epigramma allude a esta sensualidade (*). Mas que muito que os corrompidos romanos servissem a seus banquetes as linguas dos pavões, e flamingos, se não lhes escapava a lingua musica, e encantadora do innocente rouxinol, que sem piedade victimavam á sua devastadora gula!

O imperador Caligula, monstro de crueldade, e poço d'inepcias, que chegou a tão rematada loucura que se acreditava Deus, e queria como tal ser venerado, escolheu o phenicoptero, e o pavão, para victimas singulares, que se immolasse á sua divindade; e na vespera do dia em que foi assassinado [diz Suetonio] se horrifou n'um sacrificio com o sangue de phenicopteros.

Estas aves teem as pennas muito compridas, os dedos anteriores inteiramente espalmados, o pescço delgado, e tão comprido como as pennas; e o bico d'uma figura singular, a saber; a mandibula inferior é oval, e curvada longitudinalmente, a superior curvada em sentido contrario, apresentando ao ar a convexidade, para cubrir a debaixo, e ambas são muito fortes. Este bico é uma colher de feito exquisito.

As grandes differenças de tamanho, indicadas pelos auctores, provém da idade, assim como muitas variedades, que se observam nas côres; porque os flamingos quando pequenos não dão a mais leve idéa do esplendor que de futuro os adorna. Na especie de ha mais tempo conhecida, os novos, antes da muda, são alvadios com muito preto na segunda ordem de pennas das azas, e rabo. Quando chegam a anno são d'um branco sujo, e as azas vão tomando um leve banho

côr de rosa, que aos dois annos adquire maior brilho, mas o resto do corpo ainda é esbranquiçado. Os machos já de tres para os quatro annos são de um formoso encarnado mui vivo, porém um tanto mais emmorecido nas costas, e peito, e nas azas, cujos cotos são pretos. Os circulos dos olhos, e a base do bico são alvaentos: desde a base até a curva o bico é côr de sangue, e dahi até a ponta preto, os pés são vermelhos. As femeas velhas, tambem são encarnadas, mas de côr mais desmaiada. Em tamanho do corpo são inferiores á cegonha, porém muito mais pernaltos, o que junto ao pescço igualmente desmesurado lhes dá singular aspecto.

Vivem de mariscos, d'insectos, e de ovas de peixe. Para apanharem o alimento, encostam ao chão, como uma colher, a parte chata da mandibula superior, rapando ao mesmo tempo com os pés, levam para o bico d'envolta com o lodo a presa, que o dentado do mesmo bico segura bem. Andam sempre em bandos, e para pescar ordenam-se em fileira, e o mesmo praticam quando descancam na praia. Teem o habito de pôr sentinellas para commum segurança, e ou descancam, ou pesquem, um está sempre á mira de cabeça levantada, se qualquer cousa o assusta, solta um clamor, que se ouve mui longe, e semelha o som de trombeta; a tropa abala immediatamente, e observa no vôo uma ordem como os grou.

Alguns teem dicto que não são tão previstos; mas eis aqui o que diz a este respeito Le Dominquin: «Dificultosamente consentem estes passaros que se lhes chegue ao pé; para se lhes atirar quando vem a terra é necessário estar escondido entre as brenhas. A nossa gente matou alguns, e achavam-lhes a carne boa. Eu comi delles, e souberam-me a mareaia: os novos são melhores por mais tenros. Desejei colher alguns pequenos para os domesticar; e a esse fim armei laços nos paúes, onde haviam ninhos antigos delles, e vinham procurar sustento: iscava com peixinhos, que apanhávamos. Ainda mesmo presos pelo pé se não submettiam; os velhos principalmente se defendiam ás bicadas, e, quando lhes seguravam as cabeças, arranhavam desembaragadamente com as unhas, que lhes arnam os pés, não obstante serem espalmados. Fizemos o que podémos pelos aquietar, mas nunca foi possível reduzi-los a comer, e beber, ou amansa-los. A final os matámos, e comemos. Os novos foram sem comparação mais doccis; aos quatro dias já vinham comer á mão. Comtudo sempre os conservava presos, e não me fiava nelles por lhes descobrir alguns desejos de se safarem; e mesmo com as guias cortadas não estão muito seguros, porque correm como lebres. Viamo-nos obrigados a dar-lhes agua salgada a beber. Quando cheguei a Guadalupe ainda levava dois, de que fiz presente a um amigo meu, que os trouxe a França.»

Varios indios na America os domesticam, e o curioso viajante, o P.^o Labat, e outros mais modernos tambem os crearam. Mr. de Pommiez, que esteve commandando tropa em S. Domingos, diz em uma carta o seguinte: «Um flamingo viveu quinze annos em nosso pateo, até em boa harmonia com as aves caseiras, e fazendo-lhes festas. Nutria-se do mesmo grão que ellas, misturando-lh'o com alguma agua, mas não podia comer senão voltando o bico para tomar d'illharga o alimento. Todavia chafurdava como os patos. Conhecia tão bem os que tractavam delle, que quando tinha fome, lhes derrigava o bico pelos vestidos. Entrava muitas vezes n'agua até meia perna, e não mudava de sítio, mergulhando a cabeça de quando em quando para apanhar peixitos, que preferia ao grão; outras vezes corria pela agua, batendo-a com os pés alternadamente, sustentando-se nas azas

(*) Para os curiosos da lingua latina damos este epigramma.

Dat mihi penam rubens nomen; sed lingua gulosis

Nostra sapit: quid, si garrula lingua foret!

semi-abertas: não gostava de nadar, mas de chapinhar n'água. Quando lhe succedia cair custava-lhe a levantar-se: e dormia sobre um pé com o outro encolhido debaixo do ventre, e a cabeça escondida debaixo da aza, que era sempre a opposta á perna, que tinha encolhida.»

Estas circumstancias são applicaveis a todos os que se criam familiarmente. Comem mais de noite do que de dia; e o pão, que se lhes dá, demolham-o primeiro em agua. São tão sensiveis ao frio que chegam a crescer os pés de se aproximarem ao lume. Por isso é difficil mante-los em os climas do norte, onde nunca se encontram bravios, arribando pelo contrario immensos aos paizes quentes. O estado de domesticidade parece ser-lhes contrario, porque desfalecem muitos, e ainda nem um só multiplica.

Os flamings bravos fazem os ninhos nas lagoas, e charcos d'agua salgada: para o que ajuntam muito lodo com os pés, e fazem monticulos, que parecem illotas, e sobresaem acima d'agua mais de dois palmos; a base destas eminencias é larga, e vai diminuindo em fórma de pyramide conica até o cimo, onde deixam uma cova para pôrem. Durante a incubação estão de pé, descangando sobre o ninho, que encobrem com parte do ventre, e a cauda, porque o comprimento excessivo das pernas os não deixaria acoorar como fazem as outras aves; e por isso a natureza os dotou deste instincto analogo á sua organização. Raras vezes poem mais de dois, ou tres ovos, que são do tamanho dos de ganso, um pouco mais compridos, e dizem que prestam para comer. Os filhos ainda meos implumes correm já com extrema velocidade.

O bem conhecido naturalista, M. Geoffroy Saint-Hilaire, viu muitas vezes no Egypto o lago Menzaleh, ao poente de Damietta, cuberto d'um sem numero de barcas destinadas á caça dos flamings, e que de ordinario voltavam cheias. Allí se utilisam das linguas destas aves por modo diverso do que faziam os romanos; porque lh'as arrancam, e por via de pressão extrahem uma substancia gordurenta, que empregam como a manteiga. Tiradas as linguas vendem os corpos aos pobres, que lhes aproveitam a carne, não obstante ser oleosa, e conservar, apesar de todos os temperos, o cheiro desagradavel de marezia.

Depois d'esfolados, a pelle é guarneecida de um bom frouxel, ou penugem, e serve como a do cisne. Das mais bonitas pennas vermelhas se fazem varios enfeites.

O EMPRAZADO — CHRONICA DE HESPAÑHA

(1312).

O exercito castelhano capitaneado pelo infante D. Pedro estava cercando os mouros de Alcaudete. — Em Martos, povoação pouco distante, se alojára com seus cavalleiros elrei D. Fernando I.

Este principe contava apenas vinte e cinco annos de idade, e alguns mezes de reinado. Os seus costumes eram devassos: as noites passava-as em banquetes; os dias em escutar os enredos dos cortesões: coletrico em demasia, a sua sanha e vingança eram sempre terriveis. Pouco tinha que esperar a Hespanha do seu reinado, que promettia ser longo.

Juncto a Martos havia um rochedo altissimo pen durado sobre um valle profundo: a vista se turbava a quem quer que de alto olhava para o abysmo que jazia a seus pés.

Dois homens vestidos de pellotes (1) caminhavam entre sayões e alvazis (2) para o pincaro do rochedo:

desordenadas lhes pendiam as capas curtas dos hombros, e sem toucas na cabeça, o vento lhes agitava os cabellos desgrenhados. Levavam as mãos soltas, e ninguem diria que papel faziam neste drama, senão fosse a desordem dos seus vestidos, as punhadas que davam no rosto, e os movimentos da afflicção que os agitava.

Eram dois condemnados: aquella a sua hora extrema.

Quando a côrte estava em Palencia saía certo dia do palacio real um cavalleiro da familia dos Benavides: dois vultos se chegaram a elle e apunhalaram: caiu o cavalleiro moribundo, e expirou sem conhecer os seus matadores: tambem ninguem mais os conheceu.

O furor d'elrei, que amava este cavalleiro, subiu ao maior auge: as masmorras se atulharam de accusados; mas nenhuns delles pareciam serem os assassinos.

Comtudo a vingança real precisava de ser satisfeita: juizes corruptos fizeram recair a culpa sobre dois cavalleiros, os irmãos Carvajales: e condemnaram-os á morte.

Morram por ello: — disse elrei transportado de alegria, quando lhe levaram a confirmar a sentença: «do alto do rochedo de Martos sejam precipitados no fundo do valle: que os corvos pastem um dia carniça de cavalleiros.»

Era pois aquella dia o do supplicio.

Cubertos de armas luzentes, encostados ás lanças, e montados em cavallo acubertados, um basto esquadrao de cavalleiros, ao lado do caminho que dava para o rochedo fatal, aguardavam a passagem dos dois condemnados. No meio daquelles elmos lampejantes um havia adornado com uma corôa: o cavalleiro cuja cabeça elle resguardava trazia vestida uma cota toda bordada com as armas de Castella. Era o moço D. Fernando, que, com a viseira alevantada, ria e fallava com os nobres que lhe estavam aos lados.

Já se vinha aproximando o cortejo dos justigados. Adiante um pregoeiro dizia em voz alta:

«Justiça que manda fazer elrei dos dois irmãos, Pedro e João Carvajal, por haverem atrevidamente assassinado o meu nobre cavalleiro Benavides!»

«Mentira, mentira! — clamavam os dois desgraçados: — aive infernal — as nossas mãos estão innocentes.»

E aquella prestido de morte chegava ao sitio em que elrei o estava aguardando.

Ahí, os dois irmãos Carvajales, rompendo por entre os esbirros, foram cair em joelhos aos pés do ginete de D. Fernando de Castella.

«Salva-nos oh rei, salva-nos; porque não somos culpados. Promptos estâmos a passar pelas provas do fogo e da agua: promptos a alevantar na estacada a luva daquelles que nos chamam traidores; porém morrer como o mais vil servo; morrer cuberto de infamia, nós que sonhâvamos a gloria dos combates, nós que contavamos cercar tantas cabeças de mouros! — Rei salva-nos! — porque esta morte é horriavel.»

Elrei os escutou calado: e olhando para os sayões e alvazis, lhes disse com ar torvo: — «Que esperais vós-outros? — levai os assassinos!»

Então os dois irmãos, como movidos por uma só vontade, se ergueram em pé: os seus rostos, até ahí afflictos e cubertos de lagrimas, pareceram assernar-se; mas esta serenidade era a da desesperação: — Fitaram os olhos no ceu, e este olhar era tremendo; porque nelle havia a expressão da confiança em Deus, e da maldição que a innocencia sabe arrancar do ceu

(1) Espécie de veste como jaqueta com abas.

(2) Officiaes de justiça, meirinhos.

contra os tyrannos da terra. A postura dos dois cavalleiros era naquelle momento sublime.

« Tu não queres perdoar-nos? » disse por fim Pedro de Carvajal, dirigindo-se a elrei.

« Não, traidor assassino! »

« Assassino és tu, malvado, que nos condemnas sem justiça; que cobres de lucto e de infamia a nossa nobre familia. — Porém não folgues em tua maldade, mesquinho rei da terra; porque ha um rei nos ceus. — Lá nós e tu seremos julgados. Comparece abi d'hoje a trinta dias. — Eu t'o ordeno em nome do supremo juiz. Rei emprazado, que não te esqueça este dia! »

Dicto isto, os dois irmãos caminharão com passos seguros para a extremidade do alto rochedo; e dentro em breve os seus membros jaziam dispersos no fundo do valle; e os corvos pairavam e esvoaçavam ao redor delles.

Elrei tinha ficado silencioso e carregado: ninguém ousoa fallar-lhe.

Ao longe vinha correndo um cavalleiro, pela estrada de Alcaudete. Trazia brancas de pó as armas. Chegando perto d'elrei, sem se aprear, lhe gritou: Boas novas, senhor! Alcaudete já não pôde resistir: os mouros mal se defendem: vinde com vossos cavalleiros acabar este feito: seja vossa a gloria do seu vencimento.

E na manha seguinte marchava D. Fernando para Alcaudete, no meio dos seus cavalleiros; mas sempre triste e carregado.

Dahi a alguns dias elle se achava em Jaen. Chegando ao campo do infante seu irmão, adoeçera gravemente; e por isso deixando ahí todos os seus, viera afforrado a Jaen, onde uma febre invencivel o retinha no leito das dores.

Alcaudete brevemente caiu nas mãos dos castelhanos: os mouros foram exterminados; saldou-se mais uma divida do oitavo seculo. Esta nova chegou a Jaen. Levada a elrei, as unicas palavras que se lhe ouviram, foram: « Que me importa Alcaudete? — Que me importa Castella? »

Eram 7 de Setembro do anno do Senhor de 1312.

Pela mesma elrei parecia dormir. Havia trinta dias que á mesma hora um bando de corvos pairava e esvoaçava ao redor dos membros despedaçados de dois homens, que haviam sido precipitados do alto de um rochedo, o qual se levanta á entrada da pequena povoação de Martos.

A esta mesma hora, em Jaen, soava na camara em que D. Fernando jazia um som rouco de estertor; e este som surdia d'entre as cortinas do leito real.

O som foi diminuindo, até acabar n'um silencio profundo.

No outro dia umas andas, seguidas de homens a cavallo, cubertos de burel branco, conduziam para Cordova o cadaver delrei. O seu jazigo devia ser em Toledo on em Sevilha: mas foi impossivel leva-lo tão longe: a podridão e os vermes começavam a despedaçar-lhe os membros, com a mesma rapidez com que se tinham despedaçado os dos dois irmãos Carvajales no fundo do valle contiguo á povoação de Martos.

Meio de preservar do pulgão as plantas novas.

Flor de enxofre em pó duas onças.

Agua

Misturem-se, e batam-se bem.

Toma-se a porção de semente que se quer lançar á terra, e deixa-se de molho por vinte e quatro horas nesta composição; as porções são uma quarta parte da dóze acima para cada libra de semente; e deve-

se deixar tapada a vasilha em que se fizer a mistura. Ao cabo daquelle tempo tiram-se os grãos e seameam-se segundo o estilo.

Quando a semente for de couve de Flandres, será preciso duplicar a dóze.

« Sirvo-me ha dez annos deste methodo, diz Mr. Dubois, a quem foi decretada uma medalha em recompensa dos seus uteis trabalhos, e sempre tenho tido o prazer de ver corresponder o resultado ás minhas esperanças. »

Presunto de carneiro. — O uso de só fazer presunto de pernas de porco prevaleceu sem dúvida, porque a carne deste animal recebe melhor o sal, é mais gorda, e de gosto mais delicado. Com tudo é facil conservar as pernas de carneiro, fazendo-lhes uma preparação semelhante.

Escolham-se as pernas dos carneiros bem gordos, e esfreguem-se com uma mistura de duas onças de assucar em bruto, uma onça de sal commum moído, e meia colher de salitre: depois de esfregadas deitem-se dentro d'um alguidar, vascolem-se, e voltem-se duas vezes por dia, durante tres dias consecutivos, e de cada vez lance-se fóra a salmoira, que escorre da carne depois de limpa; tornem-se a esfregar com a mesma mistura, e no dia seguinte sacudam-se, e repitam-se estas duas operações alternativamente por espaço de dez dias.

Recetta para mitigar as dores da gota. — Ha pessoas que tem sido instantaneamente aliviadas das dores da gota, por terem exposto a parte doente a uma fumação de tabaco de fumo. Bom seria que os amigos da humanidade pondo em pratica esta recetta, publicassem o seu resultado, a ser satisfactorio.

Isca infallivel para engodar os peixes do rio. — A isca que com mais certeza attrahe principalmente as trutas, que sobre tudo se dão nas aguas das vertentes das serras nevadas, consiste em ferver em agua tres ou quatro libras de cevada, que ainda quente se deita nos lagos e caneiros em que se criam as trutas. O peixe convidado pelo cheiro que exhala a cevada fervida, acode para se apossar deste alimento, e é deste modo colhido com mais facilidade pelo pescador.

Sinos na Hespanha. — A Hespanha tinha 60 igrejas cathedraes, 89 collegias, 3:000 conventuaes, 19:000 parochias, 3 eremitérios, e 2:000 capellas. O numero dos sinos de todas as grandezas sobe a 84:108, e o seu peso é de 3:651:430 arrobas. O valor destes sinos derretidos andaria por 1:120:000 \$ 000 rs.

 No N.º antecedente — pag. 192, col. 2.ª, lin. 1.ª, onde se lê *vantagem da antiguidade* — lê-se *vantagens da actividade*.

— *As pessoas cujas assignaturas findam com o N.º 26 deste Jornal, são por este annuncio convidadas para que se sirvam de as renovar quanto antes, querendo continuar a assignatura, a fim de não soffrerem interrupção na entrega.*

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo N.º 39 = D.